

Núm.º

7

(V Série)

ALMA

n o v a

Preço

2

Esoudos

ASSINATURAS			ALMA NOVA	REDACÇÃO — ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA	
(Pagamento adiantado)				Travessa de André Valente, 7-1.º E. LISBOA	
Cont. e Ilhas	Col. e Esp.	Estr.	Fundador - Gerente: Mateus Moreno Administrador: Manuel A. Coutinho Junior	Propriedade e Edição da Cooperativa Tipográfica e Editora "RESSURGIMENTO"	
ANO (12 N.ºs)....	20\$00	25\$00	30\$00		
SEM. (6 N.ºs)....	10\$00	—	—		
NÚMERO AVULSO 2\$00			Direcção: Dr. Emílio Salgueiro, Dr. Luis d'Oliveira Guimarães e Mateus Moreno. Redactores - Secretários: Dr. F. d'Ascensão Mendonça, Dr. Gomes dos Santos e Rebelo de Bettencourt.		

S u m á r i o

Capa: — Ecce homo (Tábua do sec. XV).....
 Comemorando o «9 d'Abril de 1918».....
 Anatole France apreciado por.....
 Arte e Turismo; Montachique.....
 Um amigo de Portugal (Dr. Oliveira Lima).....
 O Algarve sertanejo: — Salir.....
 A Mulher e a Pátria.....
 Vida Literária: Auto-críticas — Irene e Ilda; Arte
 do Canto; Meio-dia, etc.....
 Los Jerónimos de Lisboa (soneto).....
 Províncias-Ilhas-Colónias: Impressões duma viagem
 através dos Açores (continuação).....
 Arte Moderna: Quadro do pintor Lino António (sep.)
 A Arte e o Riso (continuação).....

MUSEU DA ARTE ANTIGA
 MATEUS MORENO
 AQUILINO RIBEIRO
 REDACÇÃO

MANOEL MOUTINHO
 MATEUS MORENO

M. M.
 CONDE DE SANTIBAÑES DEL RIO

M. GOMES DOS SANTOS
 Galeria de Arte do BRISTOL-CLUB
 ARLINDO CAMILO MONTEIRO

No próx.º n.º: Conclusão e capas da comédia em 1 acto *Lua de Mel*, de Victoriano Braga.

Amigos da "Alma Nova"

Assim consideraremos todas as pessoas que nos obtiverem 10 assinaturas semestrais, se subscreverem duma só vez com uma assinatura ou seu equivalente, ou hajam prestado à «ALMA NOVA» qualquer auxilio material ou moral que lhes dêem jus a esse título.

Todos os «AMIGOS DA ALMA NOVA» ficarão com direito a que o seu nome figure sempre nesta página, a receber a revista gratuitamente e a entrar livremente em todas as suas festas, expozições e conferências. Iniciando a já numerosa lista de boas e fiéis amizades, as quais pode dizer-se que se deve a manutenção da «ALMA NOVA», apêrta-nos registar até hoje os seguintes nomes:

DR. JAIME DA GRACA MIRA, Professor, e Diplomado em Farmácia.
 SR. CRUZ MAGALHÃES, Escritor, Poeta, e benemérito fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, — Lisboa.
 DR. JOSÉ GUERREIRO MURTA, Prof. Advogado, e Escritor — Lisboa.
 SR. FRANCISCO DAS DORES GONÇALVES Presidente do Centro do Algarve, — Rio de Janeiro.
 DR. F. DO CARMO E CUNHA, Chefe de Rep. do Min. de C. e Advogado.
 DR. D. BRANCA LOPES MARTINS, Professora, e Escritora, — Porto.
 SR. D. MARIA MADEIRA MARTEL PATRICIO, Escritora, — Lisboa.
 « CONDESSA DE PROENÇA-A-VELHA, Escritora, — Lisboa.
 SR. JOÃO SAAVEDRA MACHADO, Artista, — Pedrouços.
 TENENTE SIMEÃO VITÓRIA, Prof. e Escritor, — Loanda-Angola.
 ENG.º A. VELOSO DE ARAÚJO, Proprietário, e Escritor, — Famalicao.
 DR. SIMÕES RATOLA, Escritor, — Lisboa.
 CAP. FRANCISCO DA SILVA PINTO, — Lisboa.
 DR. F. GODINHO CABRAL, Oficial do Exército, e Advogado, — Lisboa.
 SR. J. AGOSTINHO FERNANDES, Industrial, — Lisboa.
 TENENTE DE MARINHA J. RODRIGUES COSME, — Macau.
 SR. JOSÉ DE SOUSA GAGO, Professor, — Silves.
 « JOSÉ DE SAMORA BARROS, Prof. e Artista, — Alentejo.
 DR. M. PEREIRA DA SILVA, Proprietário, e Jornalista, — Lisboa.
 JOSÉ SARZEDAS, Guarda-livros, — Lisboa.
 ANTONIO GOMES DA COSTA OLIVEIRA, Idem, — Famalicao.

(Continua).

A «Alma Nova» não faz politica partidária,
 — é uma revista puramente nacional. Ajudar a
 mantê-la é, por isso, um dever de todo o bom
 português.

A nossa expansão

No intuito de levarmos a todas as classes a propaganda patriótica da Alma Nova em prol do ressurgimento nacional, resolvemos diminuir o seu preço avulso e o das suas assinaturas, embora tivéssemos que sacrificar para isso alguns páginas de texto. Como não é, porém, do número destas que depende apenas o valor duma publicação, mas principalmente da natureza dos assuntos a que se dedica e da categoria dos seus colaboradores, julgamos não ter desmerecido com tal decisão o aplauso dos nossos leitores.

A nova tabela de assinaturas é como segue, tendo cada número um mínimo de 12 páginas (incluindo capas) e uma separata:

	Semestre (6 n.ºs)	Ano (12 n.ºs)
Continente e Ilhas.	10\$00	20\$00
Colónias e Espanha		25\$00
Estrangeiro.....		30\$00

Número avulso 2\$00

Nas assinaturas já pagas será feita a respectiva dedução.

A «Alma Nova» sairá normalmente na 1.ª quinzena de cada mês. Entre os seus colaboradores contam-se alguns dos maiores nomes das letras e das artes de Portugal, Espanha e Brasil.

ALMA NOVA

REVISTA DE RESURGIMENTO NACIONAL



COMEMORANDO O "9 d'Abril de 1918"

PALAVRAS DUM "SOLDADO"

MAIS um aniversário, o 10.º, acaba de passar sobre esta data, que sendo de luto e de saudade para muitos corações, é ao mesmo tempo de orgulho e de glória para as armas portuguesas.

Apagados, pela patina do tempo, no mármore eternizador das virtudes cívicas, alguns baixos-relevos menos impulsionadores da tradicional heroicidade lusiada, malsinadamente alavatrados, talvez pelo escôpro da irreflecção; unificados, enfim, todos os crendos e opiniões no mesmo alto pensamento

patriótico e votivo, no mesmo sentimento de justiça e de gratidão, — o «9 d'Abril de 1918» ergue-se hoje em todas as almas absolutamente puro de quaisquer máculas humilhantes e até isento já das comprometedoras oblitterações dos comandos, tão insistentemente invocadas para insinuação de «fracasso».

De ruínas paixões não cura, porém, a história, e ainda bem! E ainda bem, repetimos, porque as suas páginas devem ser como a superfície límpida de um lago, somente apta a espelhar o rigor dos acontecimentos depois

de refeita a sua quietação. O próprio Marechal Hindenburgo não hesitou em rectificar, no livro das suas memórias, os seus juízos sobre a conducta do exército português, logo que elementos fidedignos tal lhe impuzeram.

E' que, na verdade, o sangue dos que, na trágica jornada do "9 d'Abril", na Flandres, numa luta infrene e desigual se deram em holocausto ao bom nome da Pátria, é que, na verdade, esse sangue foi mais que suficiente para lavar por completo das consciências justas qualquer ideia amesquinhan-te de fácil derrota.

Este pequenino passo que a seguir damos, do livro "Sangue d'Epopeia", é a melhor confirmação disso, pelo que tem de real.

Era no auge da luta, quando o inimigo, arrazadas de metralha as nossas trincheiras, se lançava ao assalto, numa desproporção esmagadora. Eis o que escrevêramos:

"—Rapazes! — gritara-se-lhes ainda. E ei-los! Ei-los novamente e renovadamente enormes, como na história!...

E em vão o inimigo de novo então investe, tenta calar nas almas a voz de todo o passado...

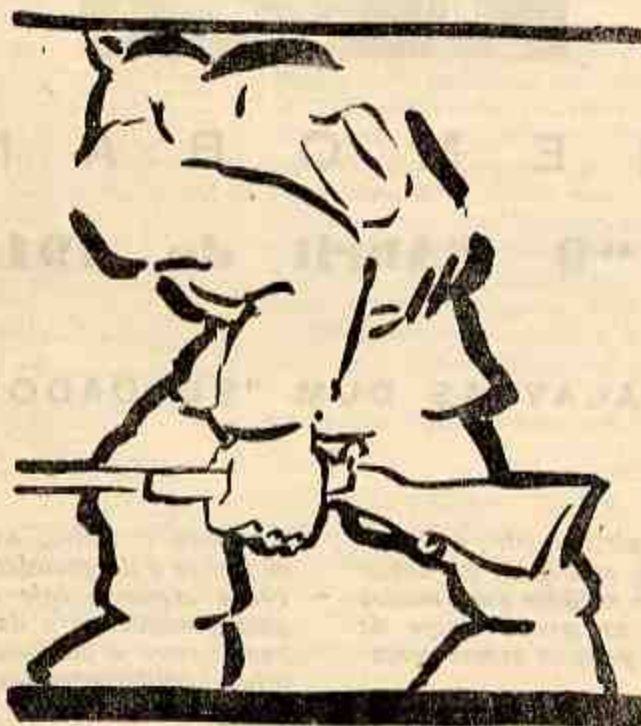
Rapazes! — Sim! — e ei-los!... Cada coração lusitano é ainda e é de novo como que um impenetrável rochedo onde a vaga humana raiva e vem espadanar-se em autêntico sangue de heroísmo!"

Em nada o sentimento afectivo previerte a sinceridade histórica das palavras que aíficam. E o "9 d'Abril de 1918", que para muitos não fôra mais, a principio, do que um episódio trágico do drama funesto da nossa intervenção na Guerra, assim se vê hoje convertido, e dignamente, numa das mais brilhantes victórias das inalteráveis virtudes heroicas dos nossos Soldados.

Para êle, pois, — para essa força ignota que impulsionou sempre Portugal aos mais gloriosos destinos de Nação Livre, — as nossas comovedoras homenagens, ao comemormos mais um aniversário de tão evocadora data.

Para êles e para todos, porque é apontando e realçando exemplos de sã virtude, que se forma e robustece o sentimento da dedicação e do dever, que a obra do Ressurgimento Pátrio não pode dispensar.

MATEUS MORENO



(Ilustr. de Rodrigues Migueis e Roberto Nobre)

OS GRANDES ESCRITORES

ANATOLE FRANCE

apreoiado

pelo escritor

Aquilino Ribeiro



Anatole France em 1906

EU tive o subido regalo de vêr Anatole France, a meu jeito, duas vezes em Paris. A primeira vez, nos cais do Sena, diante das caixas dos alfarrabistas, essas caixas de folha, chumbadas à muralha por precintas de ferro, que, de noite, dormem fechadas e, de dia, oferecem ao curioso toda a poeira livresca dos séculos. Nenhum lugar como aquele, mais magestoso que o cenário duma tragédia de Corneille, tanto poderia realçar a meus olhos o ultimo feiticeiro da latinidade. Tudo, em volta, são pedras rendilhadas, pedras que falam. O tempo foi ali erguendo o seu Panteão, e museus, palácios, estátuas parecem afrontar a eternidade.

Anatole France esquadrihava nas caixas dos alfarrabistas, à caça, talvez, dum desses livros do século XVIII, século em que ele aprendeu a arte do estilo leve e simples e esta graça maliciosa, libertina sim, mas com decência, que põe um tão agradável sainete nas suas críticas e digressões. A' distancia pôs-me a observá-lo: de estatura acima de mediana, envergava um sobretudo largo, de corte desataviado, e na cabeça trazia um chapéu mole, ruço, de aba larga, meio de marchante, meio de pintor de Montparnasse. As suas botas não eram de elástico, como as do sr Gago Coutinho, mas estas botas, fóra de moda e pouco severas no polimento, do «petit bourgeois» de Paris. Via-o, de costas levemente abaúladas de homem de estado, perfil judaico, com fronte que devia ser sumptuosa, nariz um tudo nada de cavalete, no queixo uma barbicha de fauno. A expressão do rosto, em repouso, era de bondade, duma bondade quasi paternal. Mas, quando olhava, os olhos grandes e pretos, duma mobilidade assombrosa, quebravam a placidez primeira para quedar o Ariel que passeou sobre as ideias e os deuses a asa cortante da sua ironia, da sua fantasia, da sua ora racional ora maligna curiosidade. Mas, vendo-o de cabelo branco e barba branca, no declínio da vida, senti uma garra lavar-me o peito, a garra da nossa impotência e da nossa dor perante a morte, a negra e abominanda princesa, como lhe chamava mestre Sanchez de Acre, que tudo nivela no pó — beleza divina e torpe materialidade, a máquina de sentir, de crear e de sonhar, maravilhosa, que é Anatole France, e a boçal máquina de viver que é, entre outras criações do nosso tempo, o novo-rico.

A meio do formigueiro de gente que subia e descia, Anatole na sua andaina despretençiosa, decerto palpando com regalo as pastas macias dos livros, com dedo, desleixado em aparência, folheando-os página por página, fez-me lembrar do seu Silvestre Bonnard, sócio do Instituto e arquivista, em busca porfiada da «Légende Dorée» de Jacques de Voragine, na tradução francesa do século catorze, de Jehan Toutmouillé, minorista.



A biblioteca de Anatole France na Béchellerie

Quando Anatole France se retirou dali, levando o catarpácio, nos olhos aquele bulicoso cuidar que criou Crainquebille e ergueu Tais do seu tumulto de cipreste, dirigi-me ao velho alfarrabista:

— Conhece-o ?

— Quem? «Monsieur» France?... Meu rico senhor, conheço-o há um um ror de anos. Já ao tempo em que era bibliotecário no Senado aqui vinha «fouiller, Je l'aime bien; pourtant, il marchande».

AQUILINO RIBEIRO



Ultimo retrato de Anatole France

Arte e Turismo

MONCHIQUE

TENDO sido, por troca de legendas, atribuída à Igreja matriz de Sa'ir as duas portas Manuelinas reproduzida na página 4 do último número da «Alma Nova», apressamo-nos a restituí-las à sua legítima possuidora — a Igreja Matriz de Monchique — e a rectificar ao mesmo tempo as respectivas legendas, visto que a *porta principal* é a representada pela gravura menor.

A propósito desta troca, recebemos do Sr. Antonio Leal, espírito muito culto e um dos mais velhos amigos da «Alma Nova» no Algarve, uma carta gentilíssima com alguns curiosos esclarecimentos que muito nos apraz registar. Escreve o nosso solícito informador:

«A Igreja Matriz de Monchique, edificio que remonta ao século XVI, nada tem de especial, mas as cantarias das portas chamam a atenção do visitante ilustrado.

«Em 1907, M. Béaugard e Le Fouchier, eminentes homens da França, andando em viagem de estudo, vieram a Monchique, tirando um nítido cliché da porta principal, que depois vimos reproduzido em o n.º 46 da revista «Le

tur du Monde», ilustrando um interessante artigo sobre Portugal.

«O referido artigo, que falava dum modo lisongeiro ao patriotismo português, ufanava-nos muito naturalmente como Monchiquenses, pois aola dos monumentos do Convento de Cristo em Tomar, Batalha e Jerónimos, apresentados como outros tantos capítulos em pedra da nossa história, incluía o modesto «Le portail de l'Eglise de Monchique», de certo como um característico espécimen do estilo manuelino. Também o ilustre arqueólogo e meu presado amigo D. Leite de Vasconcelos, cita como exemplares interessantíssimos do estilo manuelino os umbrais das portas da Igreja de Monchique, em o «Arquiologo Português», volume de 1918.

O referido «Arquiologo» refere-se a estas portas e às belezas panorâmicas de Monchique, a páginas 125 e 375 a 377, considerando as ditas portas, que são «pouco conhecidas dos arqueólogos», como os panoramas da vila, dignos da admiração do forasteiro.

UM AMIGO DE PORTUGAL



Portugal acaba de perder um dos seus mais devotados amigos e o Brasil o seu mais eminente diplomata, com a morte do grande historiador Dr. Oliveira Lima. A nossa gravura representa o erudito escritor numa das suas visitas a Portugal, com os seus grandes amigos Drs. Fidelino de Figueiredo e Lúcio d'Azevedo.

O Algarve sertanejo

SALIR

UMA DAS MAIS
CURIOSAS E
TRADICIONAIS
POVOAÇÕES DO
INTERIOR
—: ALGARVIO :—
A COMOVEDORA
LENDA DO SEU
ANTIQUÍSSIMO
—: CASTELO :—



Vista geral de Salir

QUANDO se fala ou se escreve do Algarve, esquece-se o seu interior maravilhoso e principalmente a beleza magestosa da sua cordilheira estremenha, de serranias perfumadas com os aromas sádios dos estevais, dos pinheirais bravios, dos sobreirais, onde o sol

do meio dia põe reflexos bronzeados, mas onde os poentes têm toda a doçura nostálgica das solidões.

O Algarve falado ou escrito é a sua beira-mar: as suas praias, o encantamento dos seus pomares floridos, o doirado das suas areias, o prateado do seu luar, o fogo vivo das suas horas de sol, as espumas argêntas do seu mar bonacheirão e sempre belo, a vida comercial e industrial dos seus principais centros de actividade, e nunca, ou quasi nunca, corre no *écran* do jornal ou da revista—o *film* enternecedor da vida das suas povoações humildes, dos costumes das suas populações dadas ao trabalho e não ao gôso, avessas ao "Charlston" ultra-civilizado, preferindo o *corridinho* ao aristocrático "Fox-Trot" e o popular e rastejante *fole* ao estardalhacento "Jazz-band".

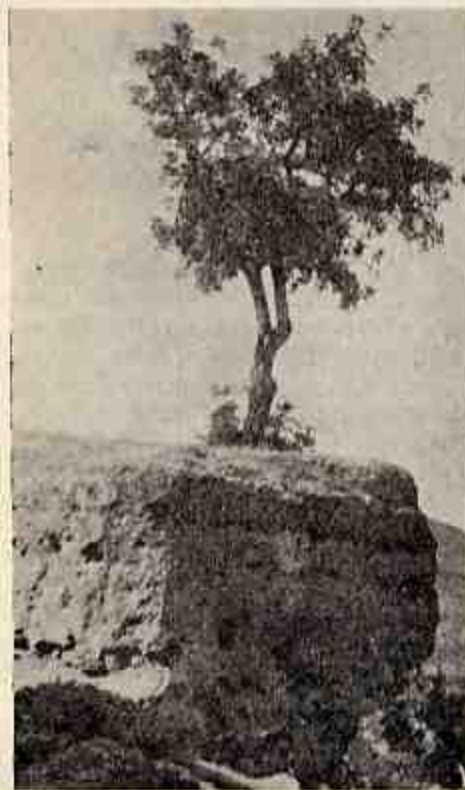
Nas pequeninas povoações da serra, o povo, vive numa tranqüila e feliz ignorância do mundo, ou antes, numa tranqüila e feliz inocência—inocência ainda não tocada do pecado da civilização...

Trabalha, cuida as suas terras como cuida da família; acredita nas lendas, tem fé nos benzilhões que lhe concertam os ossos quando *desmantalados*, e, na sua ingenuidade crê em bruxas, como crê em Deus, no Deus onnipotente que lhes dá o clima abençoado, a alfarroba, o figo, a amêndoa, e que faz dum pedacito de terra de poucas geiras a riqueza dos seus lares sem criminosas ambições.

Mas ainda há mais, além da beleza das suas paisagens de maravilha e dos interessantes costumes das suas populações. Algumas destas modestas povoações do interior algarvio, têm a sua história, uma história que vem de muito antes da fundação da nossa nacionalidade, rica de feitos heroicos e polvilhada de encantadoras lendas,—e para nós a lenda é ainda a mais linda e formosa irmã da história.

Estão neste caso as pequeninas povoações de Alte, Querença e Salir.

Salir, airosa, lá no alto da sua colina, dominando um vale fertilíssimo, estende, pelas encostas, a sua casaria branca num rústico abandono pela estética, ganhando um



CASTELO DE SALIR

O único sobrevivente deste lendário Castelo é uma estranha alfarrobeira, que num dos ramos um dia bruto e alto eleva qual sentinela vigilante.

pitoresco aquilo que perde na geometria. Uma légoa, aproximadamente, para o norte, eleva-se, a 455 metros, a Rocha da Pena, com o seu Algar profundíssimo e as suas cavernas de curiosos aspectos.

Tomada aos mouros por D. Paio Peres Correia, Salir, foi terra de relativo valor; acastelada, ainda hoje conserva restos dos seus muros seculares.

Ha quem a afirme outrora grande centro de uma população neolítica. De facto, em toda uma estensa zona, se encontram em abundância documentos dessa antiquíssima civilização.

O que de mais interessante existe nesta povoação, são os seus «muros» restos do remotíssimo castelo, a que está ligada uma das mais belas lendas algarvias:

Tinha o governador mouro uma filha, môça de excepcional beleza e sedutoras graças, como outra não havia muitas léguas em redor.

O velho mouro amava-a com acrisolado fanatismo e a linda moura tinha por seu pai um não menor affecto.

Era hábito da formosa agarena subir, alta noite, ao mais alto muro do seu castelo e aí passar horas esquivadas em oração, pedindo a Allah a salvação do seu povo.

Numa dessas noites, os soldados de Paio Peres Correia cercaram Salir. Reune o governador mouro as suas gentes e ante a impossibilidade de resistência resolveu fugir-se no Sêro da Pena.

Precipitadamente tomou seus tesouros, e, pela calada da noite, conseguem chegar, sem despertar suspeitas nas hostes cristãs, ao seu refúgio.

O mouro encarregado de avisar a filha do governador, na rapidez da fuga, esquece-se de o fazer.

O velho pai, ao dar pela falta de sua filha, corre por sobre o alto sêro e procura vê-la lá ao longe, nos muros de Salir.

Sobe no horizonte a lua, nesse momento, enchendo duma estranha alvura os muros do castelo distante. Sobre eles um vulto de mulher, a linda moura, queda-se em meditação profunda, no maior alheamento do perigo que a cerca.

O velho mouro, louco de dor ante a impossibilidade de a poder salvar, e não a querendo ver escrava de cristãos, clama de longe, num grito de desespero: — «antes encantada do que deshonrada, filha minha!» E traçando no ar uns sinais misteriosos, entoa cânticos estranhos até cair, aos soluços.

Desde então, a linda e infeliz moura vive na crença de todos os habitantes da localidade, e nas noites escuras e tormentosas, quando o vento sopra mais intenso, uma figura se divisa sobre os muros, e é ela que geme e chora pedindo a Allah que a venha libertar do seu cativeiro de ha muitos séculos...

MANOEL MOUTINHO

A MULHER E A PÁTRIA

NO ALBUM DA MENINA
ESMERALDA SEAAVEDRA MACHADO

"A Mulher e a Pátria" — eis um tema para dissertação larga e muito digna da atenção carinhosa dos escritores e homens públicos de hoje, porque mais do que nunca é indispensável robustecer na alma da mulher portuguesa o sentimento do patriotismo.

A mulher, e muito particularmente a mulher portuguesa, foi em todos os tempos, é-o ainda e será sempre a melhor orientadora dos pensamentos do homem. Numerosíssimos são os exemplos que a tal respeito a história nos oferece.

Nós temo-nos, porém, restringido, talvez em demasia, ao enaltecimento histórico dessa virtude, esquecendo-nos que não é só do Passado que vivem as nações. O Passado poderá ser a base, poderá ser o alicerce, poderá ser até o travejamento do próprio edificio nacional, mas o Presente é a vida, é o frontespício, são as devisórias, — é

aquilo que primeiro do que tudo reclama e exige o nosso esforço constante. E é assim que, para podermos dizer abertamente que uma Pátria vive, não basta vê-la, como objecto de redoma, enclausurada simplesmente nas glórias do seu Passado, mas sim enfrentando, de cabeça altiva, as nebulosas do Futuro.

Que o verdadeiro amor da Pátria, o patriotismo sem mácula, são plantas que não podem deixar de ter também a sua primavera.

Para a mulher portuguesa, que é ainda o mais fiel reduto do patriotismo lusiada, vão por isso sempre as minhas preces de Soldado, nas horas incertas da Pátria.

E a flâmula do nosso triunfo, onde, para hasteá-la, mãos assim votivas e sinceras!

Lisboa, 15 de Maio de 1928.



MATEUS MORENO



ARTE MODERNA

Quandro do pinlar LINO ANTONIO — Galeria de arte do BRISTOL CLUB

VIDA LITERARIA

AUTO-CRITICAS

IRENE E ILDA—uma escritora gentil e uma curiosa ilustradora algarvia, que o Algarve não conhece ainda.

13 Contarelos—que Irene escreveu e Ilda ilustrou,—é o título dum livrinho de contos para jovens, que ha longo tempo aguardava referênci na nosso redacção. Um recente encontro com a sua culta e gentil autora, a sr.^a D. Irene Vieira Lisboa, facilitou-nos, porém, a tarefa, visto a escritora não mostrar dúvida alguma em revelar-nos, ela própria, a sua opinião sobre o livro.

Escutemo-la:

—Escrevi os «13 Contarelos» sem precipitações nem paixão de ver prosa em letra redonda, e todos foram ideados, espuados, apartados e recompostos em anos sucessivos.

«O livro é singelíssimo, mas de outra feição o não queira eu também. Os conceitos de cada conto são desmascarados e a prosa não tem ressaibos de maior trato. Desenvolvo aventuras e fantazias conduzindo uma ideia certa para cativar o leitor ou leitora, que terão uns quinze ou dezasseis anos e ainda se apaixonam pelo maravilhoso e... porque me aprouve fazer contos á moda dos tradicionais, com uns arabescos de fantasia pessoal.

«Mas nenhum dos «13 Contarelos» se entronca ou encosta á velha história corrido. São originaes, alguns quasi cifrados em episódio e mal merecendo o nome de contos.

«Quantas vezes os escrevi? Não sei. Estavam feitos e repousados uns tempos, relia-os... e então, ou me parecia a prosa adocicada, ou a conversa frouxa, e passava-os de novo. Era o vagar da principiante que enche muitos cadernos com o primor das cópias melhoradas? Não sou tão cruel comi o mesma que assim me julgo. O facto é que os «13 Contarelos» foram tantos 13... C da revisão abria a porta para sair um, para saírem dois ou três... nem eu já me recordo... Devo acentuar e que não escrevi para crianças e que, criando os meus contos de amorosidade e conceitos, pensava nas púberes, na gente nova que lê sempre com avidez.

Agradar-lhes-ia? Oxalá!

«Não serão recontados, nem ficarão de lembrança os «13 Contarelos», mas folheando o livro uma coisa surpreenderá o leitor — são as suas ilustrações.

Desde a primeira á última se nota a firmeza do traço, a excelência da concepção, o seu profundo subjectivismo. Não há caras de boneca, nem passos parados...

«Cada desenho que repita uma frase, que viva, surda de uma frase ou do sentido geral do conto, é sintético e ilumina a prosa...

Esquecerá, repete, a matéria dos contos, desinteressará a sua ideação, mas não poderá jámais deixar de impressionar o leitor cada gravura que os precede.

De nossa parte, não só as gravuras impressionarão, mas todo o livrinho. M. M.

ARTE DO CANTO—Breves noções, por D. Emma Romero Santos Fonseca (Vera Ghharb) — Livalria Ferin, Lisboa, 1927.

A Sr.^a D. Emma Romero dos Santos Fonseca, é não só um dos mais cultos elementos femininos da nossa sociedade, mas um espírito duma requintada sensibilidade estética, que nos apraz homenagear nestas páginas. A música e, dentro das manifestações sublimes desta gloriosa Arte, a sua parte mais humana, o Canto, encontram na sua alma e no âmbito affectivo dos seus salões os mais carinhosos devotamentos.

Discípula da distinta professora M.^{ma} Eugénia Montelli, D. Emma Fonseca, cujo pseudónimo (Vera Ghharb) nos faz adivinhar, nas suas veias, remotos parentescos com as grandes figuras femininas do Algarve moárabe, como Mariam e Shellybyya, afirma-se-nos uma escritora não só proficientíssima no assunto de que trata, mas ainda inteiramente na posse do mecanismo especial, e por isso mesmo mais difficil, da linguagem didáctica.

Felicitando a culta e gentil autora da «Arte do Canto» beijamos agradidos a mão formosíssima que tão belas e úteis páginas nos soube dar.

MEIO-DIA — prosas, por Manuel Carreiro — Edição do «Diário dos Açores» — Ponta Delgada, 1927.

E' um livro estreia, um livro de juventude, um livro que não tem medo á luz, o «Meio dia» do joven escritor e jornalista açoreano sr. Manuel Carreiro. Ele próprio o declara no prefácio: «*Foi sob o meio dia que eu escrevi este livro — a hora alta, millondria d'oiro e azul diáfano em que erguemos nossos castelos d'illusões — castelos encantados, cantando em cada ameia um grande e lindo sonho e em cada setelra um anseio de vida nova e forte.*»

Entre alguns pecadinhos literários dos anos verdes, ha páginas que nos revelam no autor não apenas um futuro escritor (porque já o é na verdadeira acepção, quem tais páginas escreve), mas um escritor de futuro.

A sua prosa é colorida, vibrátil, leve e intelligentemente adjéctivada. Afeito ao treino jornalístico das reportagens, o escritor sabe ver e registar tudo o que observa, com elegancia, imaginação e inegável brilho literário.

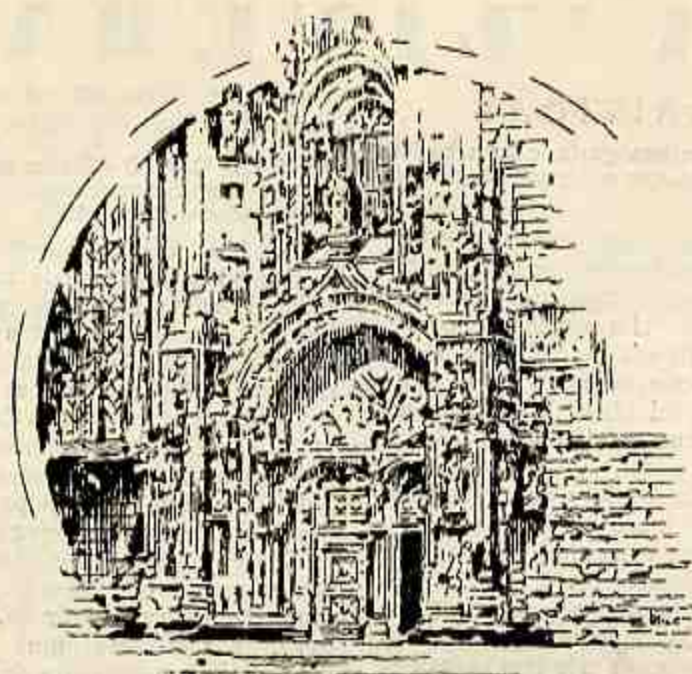
Esperamos ver brevemente confirmados os nossos vaticínios.

Registo de entradas:

Vultos de hontem, vultos de hoje, por Cruz Magalhães.

Portucala, revista ilustrada de cultura, Vol. I n.º I — Porto.

No próximo número referência critica a estas e outras obras recebidas.



Monasterio de Jerónimos

Los Jerónimos de Lisbôa

Frente al Río, en la tarde voluptuosa,
se alza la enorme fábrica, dorada
por el sol de una edad más venturosa
y una historia ya vieja y olvidada...

En el muro, magnífica e celosa
del encaje, se abre la portada...
Dentro el claustro florido, la armoniosa
arquería y la nave sosegada...

Unos sepulcros en la sombra quieta,
y en ellos, un marino y un poeta!
¡Fuera, el Tajo corre hacia la mar!

¡Oh, noble Lusitania adormecida,
y en el pazo fidalgo recluida!
¿No sonó ya tu hora de marchar?

Ilus. de SAAVEDRA MACHADO.

CONDE DE SANTIBAÑEZ DEL RÍO

Províncias - Ilhas - Colónias

IMPRESSÕES DUMA VIAGEM AOS AÇORES

(Continuação)



HORTA-AÇORES — Vista geral da cidade da Horta, vendo-se primeiro o Monte Queimado (pequeno) e depois o da Guia.

A caminho do Faial — 13 de Setembro.

O "Vasco da Gama" vai navegando a pequena distancia da Ilha de São Jorge (cêrca de 1/4 de milha ou, aproximadamente, 500 metros), o que nos permitiu analisar os seus aspectos. Esta Ilha apresenta um tom verd-escuro, proveniente da sua vegetação. Agora, a encosta é cortada quasi a pique e os pinheiros que a cobrem parecem urzes ou mato, por causa da distancia. No meio do arvoredo aparece, de quando em quando, uma casinha isolada, junto ao mar. Depois, a encosta vai sendo mais suave e apresenta-se cultivada, proximo duma pequena aldeia, acima da qual se notam alguns moinhos de vento, de sistema holandez. A Calheta estende-se até á Ponta das Manadas. É uma risonha povoação, com



HORTA-AÇORES — Uma rua de Faial, depois do terramoto

a sua Igreja, casas, moinhos de vento e algumas estradas que serpenteiam pela encosta.

A nossa esquerda ergue-se, magestosa, a Ilha do Pico. Está coberta por espessas nuvens brancas, acima das quais se divisa, altaneiro, o cone do Pico. Um pouco á frente desta Ilha descobre-se a Ilha do Faial.

A passagem pelo canal de S. Jorge (entre a Ilha deste nome e a do Pico) é deveras surpreendente. Navegando junto á Ilha de S. Jorge, nota-se, em certos pontos, que a rocha vulcanica é muito perfurada pelas aguas do mar, formando interessantes grutas. Sobre uma destas grutas ha um rochedo que parece branco, devido aos muitos passaros desta côr que lá se encontram poisados.

Passado o porto de Velas (o mais importante da Ilha de S. Jorge) seguimos em direcção aos Penedos da Madalena, entre a povoação do mesmo nome (da Ilha do Pico) e o Monte do Guia (da Ilha do Faial).

A Ilha do Faial está coberta por uma extensa nuvem pardacenta, por sobre a qual o sol vai dardejando os seus raios luminosos. Era ao declinar do dia quando fundeámos no porto artificial da Horta. Salva de 21 tiros. Todos na posição de sentido, officiais e praças, junto dos seus postos. Benção de Deus! As almas elevam-se, numa saudação fraterna. E içada a bandeira, a que se presta homenagem. De terra, correspondem, salvando tambem. E os sinos das Igrejas da Horta repicam as trindades!

Feérico espectáculo êsse a que nos foi dado assistir! Nuvens alaranjadas formam um diadema por sobre a Ilha do Faial. Do lado oposto está o Pico, em toda a sua

magnificência. E perante este cenário grandioso da Natureza, a cerimonia comvente do arrear da Bandeira, ao som da marcha de continência. É, verdadeiramente, um espectáculo extraordinário, de beleza e emoção patriótica!

Ilha do Faial — 14 e 15 de Setembro.

Na cidade da Horta, como, depois, em Ponta Delgada, recebi as mais cativantes deferências, sendo-me oferecidas, pelos Autores, algumas das suas preciosas obras literárias. A minha boa estrela acompanhou-me por toda a parte. E não foi na Horta onde ela menos deixou de se manifestar, pondo-me em contacto com alguns Vultos eminentes que, além da ventura do seu aprasível convívio espiritual, me enriqueceram com valiosos conhecimentos.

Foi o Sr. Manuel Serrano de Sousa Botelho (Albino Mórel) a primeira pessoa a quem, por um feliz acaso, me dirigi, pedindo-lhe o obséquio de me indicar os nomes das pessoas que melhor me pudessem prestar esclarecimentos acerca do Faial. Com admirável poder de síntese, que me surpreendeu (pois não sabia com quem estava falando), Albino Mórel traça um rápido e fiel esboço da sociedade faialense.

Dentre alguns nomes prestigiosos que me foram indicados, como os do erudito professor, Sr. Florêncio José Terra, com quem troquei algumas breves palavras de saudação, o mimoso poeta Sr. Manuel Joaquim Dias, e o Governador Civil, Sr. Fernando da Costa, com quem realicei uma rápida entrevista acerca da reconstrução da cidade, destaco a figura nobilíssima, de escritor e patriota, do Sr. Manuel da Câmara

Velho de Melo Cabral, com quem privei mais demoradamente e a quem fiquei devendo as mais inequívocas provas de consideração — amizade. O Sr. Manuel da Câmara não se limitou a brindar-me com os "Vinte Contos Insulanos", "Uma Mística do Século XVII" e, recentemente, com "A Morgadinha do Valongo", joias do mais fino quilate, lavradas num português castiço, e exprimindo os mais altos conceitos. Através das nossas conversas acerca dos perigos que ameaçam subverter a nacionalidade portuguesa, irrompeu a plena identificação das nossas almas, irmanadas no mesmo anseio fervoroso de reabilitação patriótica. E é da comunhão perfeita, de sentimentos e ideias, que nasce a verdadeira

amizade, como pérola de Deus — a mais brilhante, a mais invejável, a mais preciosa de todas!

A Albino Mórel, solícito companheiro e cicerone, devo, não só a ventura de ter sido apresentado ao Sr. Manuel da Câmara, mas várias outras atenções: a oferta de belas obras de sua autoria, "O Oiro da California", "Lagosiadas", e também versos dispersos e artigos de critica teatral, onde o seu espírito revela uma inspiração admirável e grande espontaneidade, alguns números da lindíssima revista "Faial, Jardim dos Açores", e devo ainda a apresentação ao professor Florêncio Terra e ao exímio fotógrafo da "Galeria Fotográfica", Sr. José Goulart, que se dignou obsequiar-me com excelentes trabalhos fotográficos, entre os quais se encontram as ótimas fotografias do Faial publicadas com estas notas na "Alma Nova", e a quem, em nome desta revista, apresento os mais sinceros agradecimentos.

O Sr. Fernando da Costa, que tão dedicada e inteligentemente exerce as funções de Governador Civil da Horta, quis ter a amabilidade de pôr alguns automoveis á disposição do Comandante e Officiais do cruzador "Vasco da Gama", sendo eu também convidado para um delicioso

passoio aos pontos mais pitorescos desta Ilha, que a Natureza dotou, prodigamente, de belezas excepcionais.

Antes, porém, o Sr. Fernando da Costa recebeu-me no seu gabinete do Governo Civil para me pôr ao facto das obras da reconstrução da cidade que tão abalada foi pelo terramoto. Há muitos prédios que ainda não puderam

ser reparados, principalmente no centro da cidade, ameaçando grave perigo. Por outro lado, nem se deveria pensar na restauração de muitos destes prédios, mas sim na construção de outras edificações obedecendo aos preceitos de segurança para o caso de novos abalos sísmicos. Foram já construídos alguns prédios nestas condições, sendo muito interessante o bairro destinado ao pessoal dos Correios e Telegrafos (V. fotografias). Porém, já se encontram esgotados os créditos abertos pelo Governo, e as obras necessarias não estarão, talvez, em metade. Isto preocupa seriamente, o espirito do Sr. Governador Civil, que no exercicio deste cargo vem revelando a maxima solicitude e proficiencia.

(CONT NUA)

M. Gomes dos Santos



HORTA-AÇORES — Vista de parte da cidade, vendo-se o Bairro Henrique de Carvalho (Administração Geral dos Correios e Telegrafos), construção mandada fazer por aqueles correios para residencia dos respectivos funcionários.

A A r t e e o R i s o

11111

(Continuação)

Bergson, ao abordar o problema da fantasia cômica, preserva-se de a encerrar numa definição e promete: «Nous la traiterons, si légère soit-elle avec le respect qu'on doit à la vie». E, desenhando alguns aspectos curiosos do cômico, que fazia consistir na transformação dos movimentos desenvolvidos do organismo, expressos em palavras e actos, nos da mecânica rígida e fria duma máquina, terminava por observar que, socialmente, «le rire accomplissait une fonction utile».

No critério racioalita de Kant o riso consistia na «súbita redução a nada de uma expectativa intensa». Absortos em congeminacões transcendentais, Hegel e seus adeptos, dispostos a surpreender o riso — na síntese de suas nebulosidades verbais, susceptíveis de o excitar — como breve momento das evoluções caprichosas do processo «dialéctico da Idéa estética», de tal maneira o espiritualizaram que a seus olhos de todo se desvaneceu o jocoso vulgar, chegando até a considerarem a alta comédia, a que serve de exemplo o *Avarento* de Molière, desprovida de cômico.

O holandês Herckenrath, professor em Groningen, aplaude a interpretação de Camille Mélinand, amplia-a a vários casos de cômico involuntário, e, sem conseguir, como tantos, apresentar uma teoria genérica do riso — define o cômico «a reunião súbita de dois aspectos que parecem incompatíveis».

O professor Lipps, influenciado pela doutrina do filósofo Koenigsberg, julga residir o cômico no conflito de uma coisa pequena com outra manifestamente desproporcionada. E Sully, ao proceder à crítica do livro do mestre alemão, *Komik und Humour*, espalha-se a discutir os dois casos apontados como exemplos típicos do cômico, o do homem corpulento que se apresenta em público com uma touca de criança no alto da cabeça, e o da criança de cabeça encafuada no amplo chapéu do pai — contestando que, em ambas as situações, os processos do riso sejam de natureza diferente, conforme pretendia o professor germânico. Em considerando sobre o assunto dispense numerosas páginas do seu estudo *Ensaio sobre o rir*, não tendo nem um nem outro autor, porém, considerado que o riso em ambos os casos depende das idéas e circunstâncias associadas e que estes podem converter-se até em dramáticos, no primeiro exemplo mediante a insinuação de ser a loucura do pai, motivada pela perda do filho querido a determinante de usar na cabeça aquela pequena touca e, no segundo a de que a miséria da viuva fizera cobrir com o chapéu do pai a cabecinha do órfão.

No entanto, James Sully desenvolveidamente se ocupa do assunto, versando o sorrir e o rir fisiológicos, suas causas, variedades do risível, teorias, esboços de alegria na escala animal, o riso na criança, durante os três primeiros anos e o seu gradual desenvolvimento, nos selvagens, considerado ao longo da evolução social, e como problema do humor e da comédia.

Depois de o reconhecer benéfico à vida do indivíduo e às suas relações sociais, aplanando dificuldades e corrigindo defeitos, aprecia-o nas suas ligações íntimas com a filosofia, e julga quer o optimismo exagerado quer o pessimismo igualmente adversos e, pelo contrário, favorável um certo grau de scepticismo reflectido, na perspectiva da fragilidade humana e da contingência da razão, embora tal atitude de espírito, convertida em doutrina filosófica, se lhe afigure a negação de toda a filosofia.

Sully, finalmente, ao fixar-lhe o valor, define-o uma modalidade da tendência ao jogo e traça as suas delimitações, preconizando o que «tem no fundo da sua alegria um sentimento verdadeiramente sério e bom». E depois de assinalar o riso inepto, alvejado na justa locução latina «risu inepto res ineptior nulla», manifesta a sua indignação contra aquele rir dos hipergelastas perpétuo e desenfreado em seus ataques, por meio destas expressões: «Jamais o chasqueador, eterno impenitente, para quem coisa alguma é sagrada, apreciará o sabor dum bom riso»!

Ainda para Nietzsche, o feiticeiro da ideação filosófica, o riso é recurso de que Zaratustra usa para matar o tédio, o ilustre sábio, o onagro, o espírito sombrio e grave.

Dos filósofos que no decurso dos tempos mais riram, individualiza a tradição a figura do sábio Demócrito. No juízo, entretanto, de um erudito espanhol do século XVIII, escudado em Cícero, Luciano e Diógenes Laércio, a par de outras autoridades, o seu riso celebrado de primazia a seu vastíssimo saber: «era mais dogma que exercício». E nunca ultrapassara a gravidade do filósofo, menos arrogante, mais compassivo e sociável que o lacrimoso Heráclito, dotado, em contraste, com o muito que se presume haver chorado, de fácil indignação presunçosa arrogância e assinalada misantropia, reveladas, em particular, nas cartas dirigidas ao seu amigo Hermodoro.

Dêste modo, comenta o Padre Feijó a causa do proverbial riso daquele célebre discípulo de Leucipo, o fundador da escola atômica: «Observava Demócrito os homens pelo lado ridículo: considerava suas necedades, simplezas, presunção mal fundada, seus vãos desejos e ocupações inúteis, objectos todos dignos de riso, porque, como disse Aristóteles, é ridículo ou risível tudo o que é torpe sem causar dor — *turpitudinem sine dolore*. A necessidade e vaidade do homem são torpes e não lhe provocam dor, antes fica contente com elas. Logo são objectos de riso».

Porventura, um dos filósofos menos dados ao cultivo desta variante mímica, foi o coradovês Sêneca, que através das vicissitudes de seu agitado viver — apesar das vozes dos detractores inspirados no despeito do inimigo Sullio e no historiador parcial Dion Cássio — conservou alta serenidade de espírito, admirada por Tácito, e, ao encarar a morte com a grandeza de ânimo preconizada em seus escritos, deixou por testamento «a imagem da própria vida» aserida, na justeza do seu critério, pelo mais precioso de todos os seus bens.

Assim, ao traçar na sua carta XXXIII a Lucílio a defesa da filosofia, tornada fonte do verdadeiro prazer — com melhor êxito gerado na imperturbável tranquilidade da consciência do que em falazes exteriorizações — faz consistir a soberana felicidade naquele contentamento de profundidade, dimanante da virtude heróica e pouco alvoraçador dos sentidos, e, com altivez, salienta seu desdém pelas hilariedades vulgares que mal conseguem encher o coração e apenas enrugam a fronte, à superfície...



Depois de assim tratado pela circumspecta filosofia, antolha-se de vantagem deixar agora o riso entregue aos disvelos de solícitos discípulos de Hipócrates, em cujas mãos esquadrinhadoras se apresenta metamorfoseado em sintoma de diagnose, elemento de prognóstico e até factor terapêutico.

Esta descarga nervosa, expressa em súbita movimentação do jogo fisionómico, que a divergir do orifício bucal progride da face para as zonas cranianas e do pescoço, distribuída numa onda de reflexos mais vivos em torno dos malares, da fronte e do mento, em cuja mecânica solidária intervem sugestivo o risório de Santorini, acompanha-se, quando intensa, de longa série de movimentos convulsivos do tórax e abdômen, sob a eficácia dos músculos expiradores, intercorridos por uma inspiração ruidosa, e tanto pode ser motivada por influência do sistema nervoso central como periférico.

Episódio frequente das nevroses, psicoses, intoxicações do sistema nervoso central e suas lesões, comparece na crise histérica, acessos de epilepsia essencial ou da jacksoniana, na coreia, nos casos de perversão mímica ou parasémia, nos estados catatónicos, em particular na demência precoce ou schizofrénia de Bleuler, nos delírios agudos sob a forma espasmódica de riso incoercível, alternado às vezes ao choro, nas lesões da medula alongada e da protuberância, na paralisia bulbar progressiva e na esclerose múltipla, como nas cerebropatias determinadas por hemorragias, amolecimento e tumores, quando atingem as fibras do segmento anterior da cápsula interna e destroem o pé da frontal e parietal ascendentes, e, por este processo interrompem a acção voluntária do córtex cerebral sobre os músculos da face, deixando-os na mera dependência da cama óptica, que se presume centro coordenador da expressão emocional.

Além das suas manifestações nos delírios das infecções agudas e no amplo quadro das meningites, onde reveste, a miúdo, a forma do riso sardónico, revela-se nas psicoses, impregnado da gama mudável de tonalidades afectivas, desde o débil sorriso melancólico à expansão triunfal dos estados eufóricos, como também das cambiantes ideativas que vão da exuberância maníaca à profunda inibição mental da idiotia.

E o riso, muita vez expressão da inteligência, e do sentimento, aflora não raro, a expandir-se no semblante sob a forma de elemento representativo de pronunciado deficit mental, e tão desprovido de espiritualidade como vago soliloquio de algum microcéfalo das letras.

Opulenta contribuição para a iconografia do riso mórbido encontra-se dispersa pela vastíssima literatura publicada nas línguas alemã, inglesa, italiana, francesa, espanhola e portuguesa, não circunscritas ao contingente europeu, e relativas à patologia psíquica e nervosa através das variantes de escola e perplexidades da nomenclatura.

Deixando o campo da acção dos neurologistas e psiquiatras, para exemplo do riso mórbido de origem periférica, merece referência o produzido mediante processos patológicos e ferimentos que incidem sobre o diafragma, a confirmar a tradição de que os gladiadores vulnerados neste músculo expiravam a rir, e justificável, porventura, da classificação de riso cirúrgico. Já descrito por Hipócrates e Galeno a esta modalidade alude Riolan nos termos seguintes: *Vulneratum diaphragma morietur cum risu infert, si credimus Hippocrati Galieno, & aliis recentioribus medicis*. *Enchirid. Anatom.* e a seu respeito M. de Horne traçou curiosa observação sob o título *Sur la suppuration de presque tous les viscères du bas-ventre du diaphragme, accompagnée du ris sardonique e publicada no tom. 2 do Recueil d'Observations de Médecine des Hôpitaux Militaires, Fait & rédigé par Richar de Hautesierck, Paris, 1772.*

(Continua)

ARLINDO CAMILO MONTEIRO

D E S E J A

TRABALHOS
TIPOGRÁFICOS
ARTÍSTICOS

E

B A R A T O S

?

Faça-se sócio da Cooperativa Editora
+ RESSURGIMENTO +
T. d'André Valente, 7— 1.º E.— LISBOA
Sócios de consumo: 1 cção nul de 20\$00
" " interesse: títulos de 25 cções.

|||||

**Direito
Português**

E

BRASILEIRO

—
Manuel Gomes dos Santos
(ADVOGADO)

(COM PROCURADORIA NO BRASIL)

—
R. VICTORIA, 53—3.º

Telefone—C. 3156

L I S B O A

|||||

|||||

**Fragoso
Fernandes**

Advogado



RUA DO CRUCIFIXO, 75-1.º



TELEFONE C. 310



L I S B O A

|||||

**Quere alegria e bom-humor
leia**



*A MAIS GALANTE
E A MAIS ARTISTICA*

Revista Portuguesa de Humorismo

A' venda os n.ºs 1 a 3. A sair brevemente o n.º 4. Avulso: 1\$50. Assinatura seis n.ºs: 8\$50.

Pedidos á Travessa de André Valente, 7-1.º E.º — LISBOA